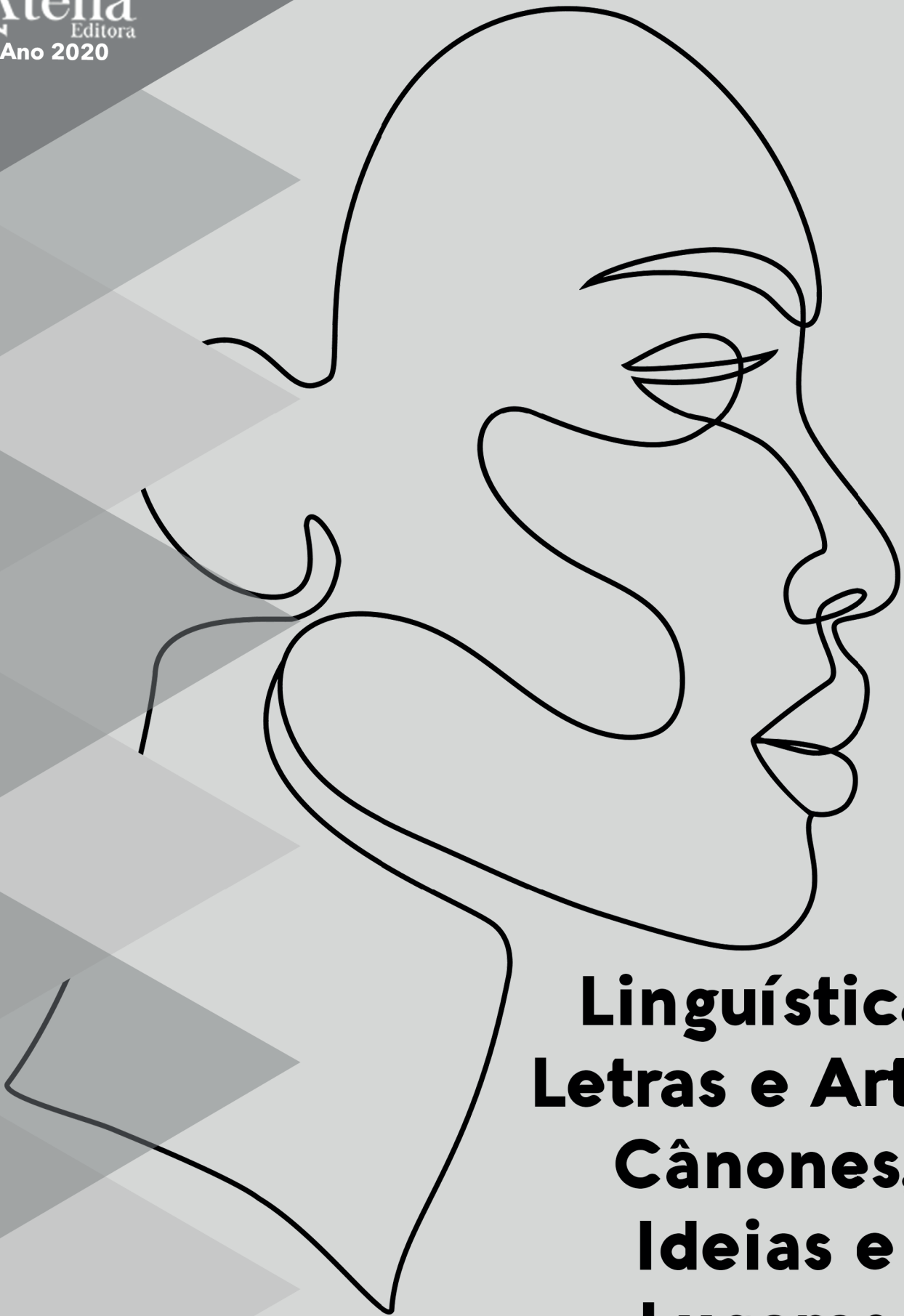


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIACÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL

Data de aceite: 01/06/2020

Data de Submissão: 13/03/2020

Andressa Argenta

Universidade do Estado de Santa Catarina -
PPGAV/CEART/UDESC
Florianópolis - Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/7154071800822009>

Carolina Ramos Nunes

Universidade do Estado de Santa Catarina -
PPGAV/CEART/UDESC
Florianópolis - Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/5448524601348039>

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESUMO: Este texto problematiza o termo mediação cultural a partir de diversos aportes teóricos, tanto da área das artes visuais, quanto da arte educação, como também da educação e da filosofia. A partir de levantamentos bibliográficos, o texto pretende trazer as origens de algumas conceituações em torno da temática de mediação cultural, concomitante a duas pesquisas em realização, para ampliar

e desdobrar essa noção para o campo da cultura, da educação e da arte. Nesse percurso de escrita, a mediação se torna uma potência para a invenção, saindo de parâmetros pré-estabelecidos ao navegar por entre ilhas, cruzando investigações que perpassam a cartografia, a narrativa, o devir e a fabulação, temas investigativos das autoras do presente artigo que se encontram em processo de doutoramento.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Visuais; Mediação cultural; Narrativas; Fabulação; Cartografia.

BETWEEN ISLANDS: ORIGINS, DEVIATIONS, AND NARRATIVES IN CULTURAL MEDIATION

ABSTRACT: This text problematizes the term cultural mediation from various theoretical contributions, both in the area of the visual arts and the art education, as well as education and philosophy. Based on bibliographical surveys, the text intends to bring the origins of some conceptualizations around the theme of cultural mediation, concomitant to two researches in progress, to broaden and unfold this notion for the field of culture, education and art. In this writing process, mediation becomes a power for invention, leaving pre-established parameters

when navigating between islands, crossing investigations that pervade cartography, narrative, becoming and fable, investigative themes of the authors of this article which are in the process of being a doctor.

KEYWORDS: Visual arts; Cultural mediation; Narratives; Fiction; Cartography.

ORIGENS...

Quais as origens da mediação? Seria a mesma da mediação cultural? Ao procurar em dicionários tem-se uma série de verbetes com o termo *mediação*, mas com conceitos completamente diferentes. Derivada do latim *mediatio e mediari* seria “*intervir, colocar-se entre duas partes*”, ainda *de medius* que seria “*meio*”. O termo *mediação* no dicionário brasileiro da língua portuguesa¹ possui diferentes definições: “*Ação ou efeito de mediar. Ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas; intervenção*”; no sentido religioso temos “*ação de interceder junto a uma divindade (santo) para conseguir sua proteção*”; na noção jurídica seria um “*procedimento que busca o desenvolvimento de um litígio (de maneira amigável), através da utilização de um intermediário entre as partes conflitantes*”. O termo *mediação*, também é utilizado na comunicação por ser uma operação semiótica de tradução (DARRAS, 2009, p.35), em que a mediação seria um processo de acompanhamento semiótico de inter-relação necessária que intervém em cada ocasião dos signos, ou seja, uma espécie de mediador como um dispositivo, máquina ou humano, uma espécie de intérprete que se insinua no processo semiótico elementar “para lhe inserir os interpretantes destinados a facilitar, efetivar, enriquecer, ampliar e mesmo questionar o processo interpretativo” (DARRAS, 2009, p.35).

Por outro lado, tem-se a palavra *mediação* junto com o termo *cultural*, e será sobre esta junção que se pretende discorrer e desdobrar neste artigo, abordando suas origens, além de desvios e narrativas nas perspectivas de duas pesquisas em desenvolvimento de doutorado, aqui presentes.

Então o que seria a mediação cultural? Dentro da concepção e área do ensino das artes visuais, seria um espaço de educação dentro de museus e instituições culturais semelhantes, para que seus acervos e ou objetos de exibição sejam articulados, de modo a propiciar possíveis ressignificações ao público. Segundo Favaretto (2007) em suas conferências, é necessário problematizar o universo da função educativa, o ideal de cultura e arte dessas instituições em que o mediador se insere.

O conceito de educação como mediação segundo Ana Mae Barbosa (2009) vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates, John Dewey, Vygotsky e muitos outros autores atribuem ao sujeito, ou grupo social, o encargo da aprendizagem, colocando o papel do professor como um organizador, estimulador, questionador, aglutinador. Entretanto o professor mediador é tudo isso. E então o que seria o *mediador cultural*?

1. <https://www.dicio.com.br/mediacao/>

Para tanto, é importante problematizar alguns paradigmas sobre a mediação e o professor mediador. Nessa perspectiva, Bernard Darras (2009) apresenta que, no domínio cultural artístico, podemos distinguir duas abordagens de mediação: a diretiva e a construtivista. A mediação diretiva impõe um único tipo de compreensão cultural, fornece só um modo interpretativo. Já a mediação construtivista contribui para a construção dos processos interpretativos pelo “destinatário” da mediação por meios problemáticos, interrogativos, práticos e interativos. Essa abordagem ancora-se em um processo de imersão, em que a mediação se faz de maneira não formal no meio cultural; ou seja, no diretivo a mediação é um dispositivo formal de transmissão de conhecimento “erudito”, dividindo entre “aqueles que sabem e aqueles que não sabem”; e no sentido construtivista, a mediação é troca, no sentido de compartilhamento.

A “mediação” tradicionalmente exercida em espaços como ateliês, por meio de visitas guiadas, sendo diretivas, pautando-se na informação, no discurso dos historiadores, críticos e curadores. Esse modelo de mediação afirma e confirma o lugar da obra e do autor, no caso do artista no mundo da arte. Sendo assim, afasta o sujeito que queira se aproximar, pois é um discurso pautado em questões objetivas e específicas, de verdades estabelecidas. Este dispositivo nada mais é que uma herança elitista excludente, que desconsidera o olhar próprio do espectador. Entretanto, a prática da mediação está passando por transformações em consonância com os paradigmas contemporâneos do campo da arte e da própria arte/educação e educação. (COUTINHO, 2009, p.172).

Historicamente, a função do mediador surgiu por distinção de ofícios conexos, como por exemplo, o ofício do professor. A criação do Ministério da Cultura, provindo do Ministério da Educação, evidenciou a questão de quem tornaria possível o acesso ao maior número de obras de arte e à cultura (CAILLET, 2009). Nos anos 1960, André Malraux aposta na estimulação do encontro com obras primas acompanhada de uma política de agenciamento às casas de cultura; sendo que nesse momento os professores exerciam a função de serviços pedagógicos, “a mediação surge da dificuldade desses serviços que passaram a reconstruir a escola em espaços culturais” (CALLET, 2009, p.74). Na década de 1990, o fluxo de público que passa a frequentar museus e espaços culturais foi se expandindo, de forma que surgiu a necessidade de ‘se educar’ esse grande público de “fruidores”. Em contrapartida, o movimento de arte/educação no Brasil vinha “trabalhando em busca de diminuir o abismo entre o campo da arte e o da educação, universos conflituosos até mesmo de difícil interpenetração” (COUTINHO, 2009 p.173). Desejando entender essa “fruição” como um processo de aprendizagem, de apropriação de conhecimento, Barbosa nos evidencia que:

O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira

A educação como um exercício de mediação vem sendo construído ao longo dos séculos tendo o professor exercido diversos papéis, entre eles o de professor mediador. Ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para sua produção e/ou sua construção. (FREIRE, 2013). Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém, ninguém aprende nada sozinho, Paulo Freire consagra na contemporaneidade essa ideia. No entanto, a ação do educador não se reduz a transmissão de conhecimento, mas ativa a construção de tramas que articulam conteúdos, mundo, vida, experiências (próprias e dos outros) num todo bastante complexo, pois como afirma Martins, a mediação é um estar entre, “[...] compreendida não como uma ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um ‘estar entre muitos’ [...]” (MARTINS, 2007, p. 07).

Diante da afirmação acima, o mediador fica situado no entre, sem um solo físico de ancoragem, mas em uma margem profícua de norteamento do seu percurso. Esse percurso não é solitário, mas encontra outros interlocutores, necessários para que a solidão não consuma o mediador dentro de seu próprio mundo e o limite ao navegar. Martins frisa que:

Em nosso percurso de pesquisadores, olhamos para a prática de outros professores da maneira que olhamos para nosso próprio trabalho de educadores. Um exercício de olhar para nós mesmos e pensar nossas ações olhando também para ações de outros, em reflexões que nos alimentam como professores- pesquisadores, tendo como foco a própria ação mediadora [...] O estar entre muitos nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, estendendo-a a outros, uma vez que a vivemos com intensidade. (MARTINS, 2007 p.07)

O exercício, muitas vezes difícil, de olhar a nós mesmos e olhar ao outro como se estivéssemos nos observando, corrobora para que o mediador continue na fresta, na dobra, no devir entre espaços de arte e educação.

DESVIOS...

Estar entre muitos potencializa encontros (seja com o objeto de arte, história, espaço, artistas, curadores, conceitos). Neste sentido, a ideia de *intermezzo* de Deleuze (2005, p.44) é pertinente, pois o mediador é aquele que se encontra entre as coisas, as informações, as histórias contadas e criadas. A mediação é um ato de se colocar em presença, para que experiências individuais se tornem fluxos em uma experiência coletiva, desbravando territórios desconhecidos, viajando e descobrindo novas paisagens, pois para Martins é,

Andar. Trilhar. Percorrer. Deslocar-se. Mover-se. Inquietar-se. Parar. Olhar. Observar. Contemplar. Achar estranho. Encantar-se. Surpreender-se. Conversas. Perguntas. Respostas. Dúvidas. Interação. Conexão. Escutas. Falas. Respiração. Silêncio (MARTINS, 2012 p.07).

Entre instituição, objeto, obra, ação cultural e espectador etc., estudam-se de forma mais atenta os processos de construção do percurso de um mediador – diferentes modos de produção, de criação e de procedimentos artísticos. Reverbera, nessa ação, o tempo desta criação com o outro, não como um saber estanque e estagnado, mas como dimensão discursiva perante diferentes contextos, necessários para adequarem-se às diversas situações que ocorrem em uma instituição cultural.

Há uma interface propositiva de criação na prática do mediador, espaço de troca entre e com o outro. Algo com potência para o pensamento do todo o campo da arte e da mediação cultural coabitando o mesmo lócus, possibilitando a mediação refazer-se, compor-se e recompor-se a cada troca com o outro, criando nós em suas linhas.

Nessa perspectiva, não se pode perder o ponto de vista da arte, nem da educação, muito menos do ato criador propositor e do exercício do pensar, seja no espaço, ou no tempo e condição dados.

Quando se fala de mediadores, surgem inúmeras inquisições diante da sua existência. Como ocorrem as mediações em instituições culturais? Onde elas acontecem? Quais são suas peculiaridades? Como criar brechas de acesso que fazem aparecer o /entre/ nas mediações?

Ser mediador, mobilizando a aprendizagem cultural da arte, é encontrar brechas de acesso, tangenciando assim os desejos, interesses e necessidades destes aprendizes, antenados aos saberes, sentimentos e informações que eles também transmitem, participando do complexo processo de comunicação. É preciso pensar em desafios instigadores e estéticos com comentários estimulantes e questões instigantes para as quais não há respostas óbvias. (MARTINS, 2011, p. 18).

Tangenciar os desejos e necessidades do público é um dos focos do mediador diante de sua brecha espaço e tempo em uma tarde qualquer em um museu qualquer. Muitas serão as particularidades e ao mesmo tempo as semelhanças encontradas entre grupos, visitantes anônimos ou olhares tateantes quando entram pelas portas da instituição cultural.

Faz-se pertinente considerar as relações estabelecidas por Coutinho (2007), que pontua a necessidade ou a relevância para que o mediador “busque entender a sua ação mediadora em seu contexto específico” (COUTINHO, 2007, p. 53). Quando se insere em uma mediação, entra-se na perspectiva de experiência, experiência como paixão, conforme relata Larrosa (2014):

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir da lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade de ação, mas assim mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. (LARROSA, 2014, p. 28).

Sendo o sujeito da experiência, nesse caso, um sujeito propositor de mediação, um apaixonado, que habita o território da instituição. Esse mediador, sujeito de experiência,

além de habitar um território de passagem, propõe lacunas, respiros no mundo em que vive, para potencializar a escuta do seu entorno e daí derivar as suas ações. No entanto, como operar nesse lugar que tende a engessar a relação entre público e obra diante de um caminho que indaga a necessidade de um conhecimento prévio de uma obra ou até mesmo uma relação pré-estabelecida com a arte para que haja uma proficiência na mediação? Ou, ainda mais, como confrontar o mediador com seus medos diante do desconhecido?

NARRATIVAS...

Cabe considerar, nas instituições que promovem mediação cultural, há variantes que vão desde o espaço disponibilizado para a realização das proposições, o acervo, bem como o público que as frequentam. A convergência entre as variáveis é o percurso educativo proposto em uma mediação cultural com ênfase no seu processo criador, em consonância com a potência de tencionar um pensar a partir da arte e com a arte, vinculando a educação em seu encadeamento: desdobrando caminhos pertinentes entre/ com a arte, o pensar, o criar e o mediar.

Dentro da mediação com ênfase em um modo do pensar, apresenta-se por intermédio da criação, uma proposição cujo intuito é gerar questões problemáticas na ânsia de criar novos mundos possíveis – fabulações (ver item *Fabulações...* abaixo). Esta criação surge a partir de uma narrativa propositiva combinada com e através da arte, como meio criativo instaurador de visualidades potentes e latentes.

A partir de dobras, desvios e narrativas, compartilhamos, mesmo que de modo introdutório, algumas fissuras de duas narrativas que pensam a mediação cultural em pesquisas contemporâneas em seus processos de doutoramento³.

ILHAS E CARTOGRAFIAS...

Nos percursos cotidianos, a cartografia, como uma proposta de pesquisa em mediação, narra práticas artísticas e educativas desenvolvidas entre museus, escolas e cidade/espços urbanos, no sentido de potencializar ações educativas no ensino das artes visuais em construção com diversas áreas de conhecimento. Assim, ao utilizar a cartografia como metodologia, os procedimentos são mais abertos e inventivos, portanto, rizomático, cheio de entradas, saídas e transbordamentos. As marés que transbordam nossas ilhas têm um sentido figurado compreendido como marés: fluxo e refluxo de acontecimentos. A ideia de cartografia, aqui referenciada em Deleuze e Guattari (1995), está inserida no sentido de resgate da dimensão subjetiva da criação e da produção do conhecimento.

O pensar acerca da mediação cultural tece-se à medida que os encontros com

acontecimentos passados e os ainda por vir atravessam-se, abrindo outras brechas e fluxos. Os processos e percursos do cotidiano do mediador potencializam-se nos devires que se conectam, tecendo fios de uma meada. Nesse processo, em uma das pesquisas, as subjetividades são construídas a partir da arte, através e com arte, em caminhadas e observações de experiências com os espaços urbanos e os sujeitos. Nessa fissura e desdobramento, cartografa-se as possíveis narrativas e descobertas da arte com a cidade, como afirma Katia Canton (2009),

a arte ensina a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas as coisas e aos objetos e necessita de olhares e atitudes curiosas, a arte parece esmiuçar o funcionamento e os processos de vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de pré-conceitos e repletos de atenção. Mas ao mesmo tempo que se nutre da subjetividade, há outra importante parcela de compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer um grande número de relações. Assim a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços (CANTON, 2009. p.13).

Os percursos com a arte pela cidade são marcados pelo olhar curioso, atento e em busca de conhecimentos. Ilhas, por elas mesmas, já provocam a atenção por suas composições. Grandes, pequenas, com montanhas, habitadas ou não, rodeadas por águas. São lugares curiosos, a conexão com outros territórios é cheia de possibilidades, peculiaridades da vida cotidiana.

Percorrer tais territórios, a fim de refletir e esmiuçar as potencialidades encontradas, deambular pelas paisagens da cidade em encontros com o outro, com memórias históricas e afetivas, são desafios da mediação cultural ao colocar a cidade como espaço de investigação com a arte. Com pensamento artístico, olhar atento e curioso, as cidades, nossas memórias e histórias são suporte para desdobramentos de conexões com a arte contemporânea. Maria Stella Bresciani (2008) em seu artigo sobre cidade, cidadania e imaginário aponta que

a cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada. É a própria experiência do cidadão, este ser urbano plural que constitui o imaginário moderno. (BRESCIANI, 2008. p.13)

Estes elementos simbólicos e cheios de memórias coletivas estão presentes nas pessoas, independente do lugar e contexto que habitam, pois trazem no olhar, e em suas experiências muito do que conhecem e ainda espaços a serem preenchidos. Trazer a questão da cidade para a educação, de modo amplo, torna-se relevante para afirmar a heterogeneidade de situações estéticas, poéticas, políticas e culturais presentes no contexto da cidade. Estas práticas se configuram em cartografias que formam uma rede em que não há pontos fixos, mas fluxos. Diversos pontos que se ligam simultaneamente,

com muitas entradas e muitas saídas.

Para narrar cartografias sobre práticas artísticas e educativas na cidade com a mediação cultural, considera-se aquelas que vibram nesta multiplicidade que nos compõe. Pois, as caminhadas, desde as idas ao mercado até às exposições, ou mesmo, percursos banais de ônibus, viagens, paisagens, filmes, músicas, vida coletiva, entre muitas situações, provocam o olhar estético, gerando inquietudes que tecem fios, no sentido de criar práticas artísticas e educativas nas artes visuais. Se tratando de uma ilha, como território poético delimitado para pensar sobre a mediação, o deslocamento, os modos de compartilhar a cidade e descobri-la, geram inquietudes e provocações que cruzam as fronteiras do imaginário. Como diz Ana Mae Barbosa (2009):

(...) é por meio da arte que é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolvendo a capacidade crítica e criativa de modo a transformar esta mesma realidade. (BARBOSA, 2009, p. 21)

A mediação cultural a partir do olhar para cidade oportuniza o encontro com o outro, com a arte, com a educação, de modo a inserir uma narrativa poética no cotidiano citadino. Essa atitude – e proposição – propõe um pensar a arte e a educação no contexto da mediação educativa. Com a mediação cultural, propõe-se descobrir e questionar-se: Quais possibilidades artísticas e educativas podem ser criadas por meio de um processo de investigação envolvendo a cidade e as pessoas? As perguntas da artista Lilian Amaral (2011), vêm ao encontro de nossas movimentações: Como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos? Que lugares em um mundo marcado pelo nomadismo, impermanência e simultaneidade as manifestações artísticas podem ocupar? A essas perguntas acrescentamos ainda: De que maneira as experiências estéticas com a arte e a educação são tecidas ao se caminhar pela cidade? Como se dá a mediação nesse campo? Ou ainda, como fica a mediação nesse movimento?

FABULAÇÕES...

É a partir das artes visuais e da filosofia que a costura das fabulações acontecem, criando um espaço de encontro com o outro e consigo mesmo, ou seja: a arte, dentro dos espaços culturais, como objeto de problematização do mediador, a filosofia, como proposição para o criar e, o professor e/ou espectador, como um mar que conecta todos os viajantes.

Conforme Bogue e Marques (2011) a fabulação é a experimentação no real: “intervenções no universo de seus ambientes sociais, políticos, institucionais, naturais e materiais.” (BOGUE; MARQUES, 2011, p. 2). Além de um experimentar o real, a partir da narrativa, tem-se a criação de um novo mundo, a partir das intervenções e invenções do e no real.

O devir, referenciado nas pesquisas de Deleuze, como um vir a ser, um movimento

de fluxos constantes e atravessamentos, perpassa a fabulação e torna-se potência no percurso da mediação para criar narrativas; criar outros mundos potentes a serem apresentados. Esses percursos criados desenrolam-se nos espaços expositivos, em que a mediação toca a proposição de um *entre* como vertente poético-propositiva para estabelecer um pensamento a partir da prática educativa em instituições culturais.

Portanto, fabular seria provocar o desdobrar e desembrulhar do devir vinculado à fabulação (devir-fabulação) acerca desses espaços para propor pensamentos sobre e com a mediação em espaços culturais. Tem-se um “entre-lugar”, conforme Dias (2007), quando fala da relação do pesquisador com o espaço, ou seja, o pesquisador faz parte

[...] de um mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação. (DIAS, 2007, p. 7).

Esses entre lugares, não comportam somente uma existência e um tempo, pois ali tudo se condensa em um ponto infinito, um Aleph (tal qual como em Borges, 2008). Então, para pensar a mediação cultural, propõe-se a alegoria de um armário (permite-se aqui, criar outro modo de escrita, outro mundo, a partir da fabulação para falar sobre mediação): um pouco menor que o restante ao seu redor, supondo que o tamanho físico não faz mais relevância nesse estado de consciência de achar-se e perder-se. Aqui não há pudores para normativas, mas há normativas vibrantes que norteiam a jornada evasiva (ou nem tanto). Esse lócus criado (que não é mais um armário em si, mas uma potência de escrita para falar sobre o lugar da mediação), precisa ser constantemente averiguado, verificado, e suas devidas fechaduras merecem generosas quantias de óleo (já que ao longo do tempo ele passará por inúmeras intempéries: os percursos da mediação).

As fabulações que atravessam o campo da pesquisa em mediação corporificam-se neste devir-fabulação, de uma pesquisa das potências e metodologias da mediação e do ensino das artes. É no estilhaçar de fragmentos de fabulação (criações de mundo) em que singularidades espalharam-se pela superfície, e neste mesmo limiar, o tempo também se redimensiona, transitando em direção a um *Aion*: [...] um instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem uns com relação aos outros o futuro e o passado.” (DELEUZE, 2003, p.169)

Assim, ao pensar uma mediação, ou uma mediação atravessada pelo devir-fabulação, tem-se a criação de mundos, de narrativas, de devires cujo tempo é único, um tempo da mediação cultural.

Portanto, é na mediação que ocorre o processo de um pensar com e sobre a obra de arte e, desse modo, a relação entre o mediador, público e obra é um confronto de forças que se constitui a partir de seu encontro. Nessa perspectiva, concordamos com Martins (2011) ao enunciar o conceito de mediação proposto pelo dicionário, como ainda

insuficiente para abranger todo o escopo de possibilidades que a mediação hoje possui. Tem-se em mente que foram dos levantamentos teóricos acerca das origens da mediação cultural que surgem os processos de pesquisa de doutorado² das autoras, que embora ainda que em fase de tatear as metodologias, tendem a aprofundar seus desdobramentos nas áreas da fabulação, cartografia e narrativa, aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL Lilian. Inter-territorialities: passagens, cartografias e imaginários. **En Revista O público e o privado** - Nº 17 - Janeiro/Junho – 2011 pg 129-141.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social, in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009.

BOGUE, Ronald; MARQUES, D. **Por uma teoria deleuziana da fabulação**. Petrópolis, RJ; Brasília, DF: De Petrus; CNPq, 2011. (Tradução/Artigo).

BORGES, Jorge Luis. **O aleph** (1949). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: PESAVENTO, Sandra J.; SOUZA, Célia (orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2008.

CAILLET, Elisabarth. Políticas de emprego cultural e o ofício da mediação. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009. P.71-84

CANTON, Kátia. **Temas da arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2009 (Temas da arte contemporânea.)

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular, in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009 p 171-186

COUTINHO, Rejane. Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora. In: MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. **Mediando contatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP, 2007.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. in BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social** – São Paulo: Ed UNESP, 2009 p 13-22

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

_____, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v.01**. - São Paulo: Ed. 34, 1995, 2ª edição 2011.

2. Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de Ensino das Artes Visuais.

DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes. In: do XVII CONFAEB, 17. – COLÓQUIO SOBRE O ENSINO DE ARTE. 4. 2007. Florianópolis. **Anais**: Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017, P.01-08.

FAVARETTO, Celso. **Entre a proximidade e a provocação: a ação mediadora**. In: MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga. Mediando contatos com arte e cultura. São Paulo: UNESP, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes práticos à prática educativa. 45a ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARTINS, Mirian celeste, PSCOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição. – São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011, 6 ed. p. 49-60.

MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria. EGAS, Olga (Org.). **Mediando [con]tatos com arte e cultura**: Grupo de Pesquisa Mediação: arte/cultura/público. 1. ed. São Paulo: Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes/UNESP, 2007, v. 1, p. 61-73

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0